

Uma igreja sinodal e a interculturalização da fé

Rodrigo Ferreira da Costa, SDN¹

Resumo: Uma Igreja sinodal é uma comunidade de fé que escuta e aprende, um povo fiel, em que todos caminham juntos, buscando sempre iniciar novos processos sem se preocupar em impor itinerários. Neste sentido, podemos nos perguntar: será que é possível pensar um projeto de evangelização sem levar em conta as raízes culturais de cada pessoa, de cada povo ou pertence ao âmago da experiência da fé cristã enraizar-se numa cultura? Pois, no seu caminho de evangelização e no contato com outras culturas, a Igreja evangeliza e se deixa evangelizar. Nossa proposta aqui é apresentar as bases e os desafios de uma Igreja sinodal no que diz respeito à interculturalização da fé, buscando-nos inspirar nas Escrituras Sagradas e no pensamento do Papa Francisco, a fim de pensarmos um projeto de evangelização *desde* o povo, e não somente *para* o povo, ou seja, uma evangelização que seja de fato uma Boa Notícia para as mais diversas culturas e povos.

Palavras-chave: Igreja Sinodal. Interculturalização. Papa Francisco. Evangelização.

INTRODUÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma comunidade de fé que escuta e aprende, em que todos caminham juntos, sem cair na tentação de impor itinerário, mas sempre aberta a iniciar processos, ciente de que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Guimarães Rosa). Neste sentido, podemos nos perguntar: será que é possível pensar um projeto de evangelização sem levar em conta as raízes culturais de cada pessoa, de cada povo ou pertence ao âmago da Tradição cristã enraizar-se numa cultura?

No seu caminho de evangelização e no contato com outras culturas, a Igreja evangeliza e se deixa evangelizar. Nesse sentido, mais do que pensar um projeto de evangelização *para* o povo, seria talvez mais correto falar de evangelização *desde* o povo. Como afirmou São João Paulo II: “a síntese entre a cultura e a fé não é só uma exigência da cultura, mas também da fé... Uma fé que não se torna cultura é uma fé que não é plenamente acolhida, nem inteiramente pensada nem fielmente vivida” (JOÃO PAULO II, 2002, sem paginação).

Nossa proposta aqui é discorrer sobre as bases e os desafios de uma Igreja sinodal no que diz respeito à interculturalização da fé, buscando-nos inspirar nas Escrituras Sagradas e no pensamento do Papa Francisco, a fim de que possamos pensar um projeto de evangelização desde o povo, e não para o povo. Pois, “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG, n. 117).

1 Mestrando em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Pós-Graduação em formação para Seminários e Casa de Formação (Faculdade Dehoniana), Bacharelado em teologia (FAJE); Licenciatura em filosofia (ISTA), membro do grupo de pesquisa “Fé e Contemporaneidade” (FAJE). Bolsista FAPEMIG. Endereço de e-mail: rodrigolajinha@yhoo.com.br

1 AS BASES E OS DESAFIOS DE UMA IGREJA SINODAL

Um dos grandes desafios do nosso tempo é saber escutar e reconhecer que o outro tem algo a nos ensinar. Esse desafio se apresenta também à Igreja e à teologia. Pois, muitas vezes, somos mais apressados no falar do que no ouvir, mais dispostos a ensinar do que a aprender com o outro². Com isso cresce a indiferença e as polarizações, pois cada um fechado em si mesmo, não se abre ao outro para escutar, aprender, e partilhar os dons. Por isso, desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem denunciado a cultura da indiferença e conclamado a Igreja e a sociedade de modo geral para construirmos a cultura do encontro³. Diz o Papa,

Já várias vezes convidei a desenvolver uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque ‘o todo é superior à parte’ (EG, n. 237). O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças. Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes (FT, n. 215).

No mistério da autocomunicação de Deus desde o Antigo Testamento até Jesus de Nazaré, percebemos que o próprio Deus assumiu esse caminho de abaixamento para estar junto “aos humildes e contritos” (Is 57,15). Um Deus que muitas vezes se cala, se esconde, esvaziando-se de si mesmo para dá lugar ao outro. Um Deus que não se impõe por sua força e poder, nem se propõe como verdade absoluta, mas que na cruz se expõe em seu amor misericordioso sem limites. Portanto, para ser sinodal a Igreja também precisa ser uma comunidade de fé que escuta e aprende, que caminha juntos, que não se preocupa tanto em impor itinerários, mas que esteja sempre aberta a iniciar novos processos.

Outro desafio para uma Igreja sinodal é o de anunciar um evangelho que toca a vida das pessoas. Uma Igreja que se envolve na realidade concreta do povo, que “entre na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro de ovelhas’, e estas escutam a sua voz” (EG, n. 24). Muitas vezes caímos na tentação de anunciar um Cristo sem carne, uma fé sem história, uma Igreja sem

2 São Tiago pede que sejamos apressados no ouvir e lentos no falar (Tg 1,19), parece que estamos numa direção inversa a essa orientação do Apóstolo.

3 É importante ressaltar que a primeira mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais foi sobre a cultura do encontro, intitulada: “*Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*”.

rostos e acabamos por fazer do evangelho uma “peça de museu”, com muito passado, porém, com pouco presente e futuro.

Assim sendo, a comunicação da fé acaba se enclausurando nos círculos de iguais, daqueles que estão dentro das igrejas, mas não sendo uma Boa Notícia para quem está fora. Aqui talvez esteja a dificuldade da Igreja em traduzir o discurso da fé em palavras que possam ser ouvidas pelos homens e mulheres inseridos numa cultura urbana, fragmentária e midiática do nosso tempo. Sempre acostumada em ensinar, ainda temos dificuldade em escutar e aprender com o outro.

Uma Igreja sinodal passa, portanto, pela pedagogia da escuta e do diálogo. Como nos diz o Papa Francisco: “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta (...) povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um na escuta dos outros; e todos na escuta do Espírito Santo” (FRANCISCO, 2015, sem paginação). Esse desafio de escutar uns ao outros e o “que diz o Espírito às igrejas” (Ap 2,7), implica na abertura da Igreja ao diálogo com outras culturas, a fim de caminhar juntos, “em companhia com os irmãos e com as irmãs das diversas religiões, convicções e culturas que buscam a verdade e se empenham para construir a justiça, para abrir o coração e a mente de todos para reconhecer a presença de Cristo que caminha ao nosso lado” (CTI, 2018, n. 118).

Essa pedagogia da escuta enfrenta muita resistência no seio da Igreja, devido à “peste” do clericalismo autorreferencial que é a “perversão da Igreja”. Parece que o Papa tem consciência da necessidade de “proceder a uma salutar ‘descentralização’ da Igreja” (EG, n. 16). Pois, “uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária” (EG, n. 32). Para isso, faz-se necessário uma verdadeira “conversão pastoral e estrutural” da Igreja, que poderíamos chamar de uma reforma da Igreja com estilo sinodal.

Assumir um estilo sinodal é uma forma concreta da Igreja de superar o “câncer” do clericalismo autorreferencial. Pois, uma Igreja sinodal é uma Igreja que caminha junto como Povo fiel de Deus. Uma Igreja que louva a Deus pelos pequeninos do Reino (Mt 11,25); que se faz “pobre com os pobres”; que se esvazia de suas presunções e prepotências clericais, para se tornar “aprendiz” de todas as culturas. Uma “Igreja Samaritana”, “hospital de campanha” na qual “todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer” (EG, 47). Uma Igreja facilitadora da graça e não controladora, “alfandegária”. Uma Igreja “casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG, 47).

A sinodalidade, portanto, não é apenas mais um tema dentro da eclesiologia, ou um “modismo” para responder às interrogações da sociedade moderna. A sinodalidade expressa a natureza da Igreja e o seu dinamismo missionário, é o jeito da Igreja ser fiel ao Senhor. É preciso ter clareza, porém, que a sinodalidade não é uma invenção do Papa Francisco. A primeira experiência de uma Igreja que busca resolver os seus conflitos de forma sinodal, caminhando juntos na escuta, na comunhão e na participação, já está presente nas primeiras comunidades cristãs (At 15,1-35).

Essa dinâmica eclesial sinodal será o estilo da Igreja nos seus primeiros séculos⁴. Porém, o desejo de comunhão que havia inspirado os primeiros cristãos a se encontrar regularmente em espírito de sinodalidade foi ocupado ao longo da história pela uniformidade disciplinar e doutrinal regulada por cânones. Assim sendo, podemos afirmar que a sinodalidade é um retorno às verdadeiras fontes e origens da Igreja.

Segundo teólogo argentino Juan Carlos Scannone, a sinodalidade da Igreja deve ser compreendida como um aprofundamento da agenda inacabada Concílio Vaticano II. Diz Scannone: “em minha opinião, nós vivemos ainda na etapa que se segue ao Vaticano II: nós ainda não refletimos suficientemente sobre ele no plano teológico, nem o realizamos plenamente na prática pastoral, nem, menos ainda, o exprimimos sob formas canônicas adequadas” (SCANNONE, 2019, p. 185). A eclesiologia do Papa Francisco está, portanto, fundamentada no Concílio Vaticano II e leva a diante a “agenda” conciliar.

Dentre os vários aspectos da eclesiologia de Francisco podemos destacar dois: a proximidade e a saída missionária. A proximidade é o estilo de Deus agir, diz Francisco. Por isso, a Igreja também precisa cultivar este “estilo de Deus” em sua ação evangelizadora. Não dá mais para pensar a Igreja como uma multidão anônima, sem rosto, sem carne; muito menos uma ação pastoral longe da realidade concreta do povo fiel de Deus. Neste sentido, afirma Francisco:

Para mim é fundamental a proximidade da igreja. Porque a igreja é mãe, e nem você nem eu conhecemos uma mãe por correspondência. A mãe dá carinho, toca, beija, ama. Quando a igreja, ocupada com mil coisas, se descuida dessa proximidade, se descuida disso e só se comunica com documentos, é como uma mãe que se comunica com seu filho por carta⁵.

Essa proximidade da Igreja está profundamente ligada à sua vocação missionária que é sempre interpela pela compaixão por outrem (Mt 9,35-38). Como nos lembra Francisco: “a Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que **‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam**” (EG, 24). Noutras palavras, o objetivo primeiro da Igreja que sai e vai às periferias humanas e geográficas é fazer-se próxima da vida concreta do povo. Pois “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, n.1).

A saída missionária da Igreja não consiste, portanto, numa “propaganda” da Igreja para arrebanhar novos fiéis, nem tampouco numa forma de impor a sua doutrina a outrem. Trata-se, antes, da sua fidelidade ao Deus misericordioso que se move para estar junto aos pobres e sofredores: “O SENHOR disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois conheço as suas angústias. Por isso desci a fim

4 Para maior aprofundamento acerca da sinodalidade no magistério do Papa Francisco: CZERNY, M. *Uma Igreja que “caminha junto”*: sinodalidade na era do Papa Francisco. In. *Perspectiva Teológica*, v. 54, Belo Horizonte: 2022. pp. 67-88.

5 Entrevista do Papa Francisco ao Jornal Bom Dia Brasil da Rede Globo, 29 de julho de 2013.

de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8). Neste sentido, afirma o Papa Francisco:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (EG, n. 49).

Assim como o Senhor tomou a iniciativa precedendo-nos em seu amor (1Jo 4, 10), a comunidade missionária também vai à frente, sai ao encontro, procura os afastados e chega às encruzilhadas dos caminhos para convidar os que estão à margem (Mt 22,1-14). Pois a Igreja só poderá ser uma Igreja “sadia” e fiel, se ela assumir o risco de sair da sua própria comodidade e do fechamento em suas próprias estruturas. Citando o Documento de Aparecida (n. 63), diz Francisco:

assim se gera a maior ameaça, que é o *pragmatismo* cinzento da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade *a fé vai se deteriorando na mesquinhhez*. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu (EG, n. 83).

Sair da comodidade, ir às periferias humanas e geográficas, assumir uma pastoral decididamente missionária fugindo da “simples administração”; etc. Isso exige de nossas comunidades de fé uma verdadeira conversão pastoral. Seguindo o exemplo do Bom Pastor que procura e cuida da ovelha perdida (Lc 15,4-7), a Igreja também é chamada *primeirear*⁶, indo ao encontro dos “últimos” para estar junto a eles em suas lutas diárias.

O convite à proximidade e à saída missionária tem tudo a ver com a sinodalidade e a interculturação da fé, porque “às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros” (EG, n. 270). Noutras palavras, é no encontro com o outro que a nossa experiência de fé se torna mais viva, pois “o encontro entre as culturas é uma oportunidade de enriquecimento e de desenvolvimento humano integral de todos” (FT, n. 133).

O encontro com o outro é um dom recíproco. Por isso,

as várias culturas, cuja riqueza se foi criando ao longo dos séculos, devem ser salvaguardadas para que o mundo não fique mais pobre [...]. Para isso, precisamos comunicar, descobrir as riquezas de cada

6 O verbo *primeirear* não é comum em nosso vocabulário. A origem dessa palavra vem, segundo o Papa Francisco, da linguagem futebolística portenha que expressa a ação de chegar antes, adiantar-se ao outro ou tomar a iniciativa.

um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias (FT, n. 134).

Uma Igreja próxima e em saída parece corresponder melhor à lógica ilógica da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo. Um Deus que revela o seu poder, sobretudo, no perdão e na misericórdia; um Deus que mostra a sua glória na cruz e na humilhação; um Deus que se esvazia a si mesmo fazendo-se servo de todos; um Deus que dá a própria vida para que todos pudessem viver plenamente... Esse “escândalo” trinitário da fé cristã parece colocar em crise a nossa ideia de absoluto... pois na cruz-ressurreição, Deus está ali e é outro. Talvez esteja aqui um dos motivos de tanta resistência ao projeto de reforma da Igreja com chave sinodal, levado a cabo por Francisco.

2 UMA INSPIRAÇÃO BÍBLICA PARA A INTERCULTURAÇÃO DA FÉ

A narrativa da vocação de Abraão expressa o desejo de Deus e a missão de Israel de viver a unicidade de uma experiência de fé a serviço da fraternidade universal. “O SENHOR disse a Abrão: ‘sai da sua terra [...] para a terra que te mostrarei [...]. Por ti serão benditos todos os clãs da terra’” (Gn 12,1-3). Nota-se que a experiência singular de Abraão não é um privilégio exclusivista que induz ao fechamento, mas um convite a sair da “casa” dos pais e ir ao encontro do desconhecido.

Moisés, diante do episódio da unção profética de Eldad e Medad que estavam fora da tenda, da liturgia, expressa: “Oxalá todo o povo do SENHOR fosse profeta e recebesse o espírito do SENHOR” (Nm 11,26-29). Nas palavras de Moisés compreendemos que espírito de Deus é livre e está acima das normas e autoridades humanas. Ele não se deixa se enclausurar dentro de nossas estruturas mentais e eclesiais. Nesta unção livre do Santo Espírito se manifesta o *sensus fidei* presente em todos os fiéis: “em todos os batizados, do primeiro ao último, opera a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (CTI, 2018, n. 56).

No Novo Testamento, também encontramos vários testemunhos de uma “Igreja em saída” que vai ao encontro do outro não para dominar e impor a fé, mas para testemunhar o amor e ternura de Deus entre outros povos e culturas, pois percebia que a porta da fé também estava aberta aos gentios (At 14,27).

A própria experiência kenótica de Jesus Cristo diz muito à Igreja. “Ele existindo em forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte e morte de cruz!” (Fl 2,6-8). Sendo fiel ao seu Mestre, a Igreja é convidada a realizar em seu corpo o que Ele fez, esvaziando-se de toda pretensão de poder ou dominação, para se colocar junto do povo e das culturas numa atitude humilde de serviço e doação.

O modo de Jesus agir também é iluminador para a práxis da Igreja. Ele chama para o discipulado missionário pescadores (Lc 5,1-11), mulheres (Lc 8,1-3), publicanos (Mt 9,9-13), etc. Come com pecadores e, ordena a seus discípulos, que indo em missão possam comer e beber do que lhes servirem (Lc 10,8). De fato, Jesus “em sua carne derrubou o muro da inimizade que nos separava” (Ef 2,14); Ele quebrou a barreira da religião, da moral e da cultura (Jo 4,4-42), pois Ele tinha plena consciência que a sua missão consistia em “procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

O livro dos Atos dos Apóstolos narra quatro Pentecostes sucessivos, a saber: o Pentecostes da epifania da Igreja (2,1-12); o Pentecostes da Igreja de Jerusalém (At 4, 31); o Pentecostes da entrada dos gentios na Igreja (At 10, 44) e o Pentecostes da Igreja de Éfeso (At 19,1-6). Isso mostra a *parresia* do “Espírito que sopra onde Ele quer” (Jo 3,8-10), pois “Deus não faz distinção de pessoas” (At 10,34). Pelo contrário, o Espírito de Deus antecede a nossa missão, Ele vai à frente porque já está presente em todos os povos e culturas. “No Espírito: os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da Promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho” (Ef 3, 5-6).

Ao narrar a experiência dos discípulos no dia de Pentecostes, Lucas diz que “encontravam-se em Jerusalém judeus devotos de todas as nações que há debaixo do céu [...] E todos escutavam os discípulos anunciarem as maravilhas de Deus em sua própria língua (At 2,1-11). Aqui temos uma bela inspiração para falarmos de evangelização e cultura, pois a língua do Espírito, que é a língua do amor, pode ser ouvida e compreendida por todos os povos e culturas na sua própria língua. Por outro lado, negar esse dinamismo do Espírito, fechar-se em suas próprias estruturas, significa aniquilar a vitalidade da Igreja, pois “se o Espírito não é escutado, não nos admiremos de que o ecumenismo não avance, de que muitos católicos abandonem a Igreja, de que os jovens prescindam dela, de que aumentem a indiferença e a animosidade contra a Igreja de Jesus no mundo” (CODINA, 2010, p. 197).

Nesse sentido, podemos afirmar que uma evangelização com o Espírito evangélico nunca será uma imposição, uma colonização do outro. Porque o Espírito Santo provoca a harmonia, não a uniformização. Como afirma o Papa Francisco:

O Espírito Santo desencadeia um dinamismo profundo e diversificado na comunidade eclesial: o “rebuliço” do Pentecostes. É curioso o que acontece no Pentecostes: tudo estava bem organizado, tudo estava claro! Naquela manhã, houve um rebuliço, falam-se todas as línguas, todos as compreendiam...E, depois disso, a grande obra do Espírito Santo: mais do que unidade, é harmonia. Une-nos em harmonia, a harmonia de todas as diferenças (FRANCISCO, 2023, sem paginação).

A harmonia criada pelo Espírito Santo não significa, no entanto, uma “síntese dialética” que suprime as diferenças para formar uma nova uniformização. Por isso continua Francisco:

Harmonia – atenção! – não significa ‘síntese’, mas ‘vínculo de comunhão entre partes desiguais’. A Igreja, uma harmonia única de vozes, com muitas vozes, realizada pelo Espírito Santo: assim devemos conceber a Igreja. Cada comunidade cristã, cada pessoa tem a sua peculiaridade, mas estas particularidades não de ser inseridas na sinfonia da Igreja. Devemos aprender a escutar as vozes do Espírito: são todas diferentes, FRANCISCO, 2023, sem paginação).

A experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) também apresenta uma luz em nosso caminho de uma Igreja sinodal no diálogo intercultural. Jesus “entra” na noite escura dos seus discípulos, faz-se próximo, caminha com eles, escuta as suas angústias e desilusões, dialoga com eles e, Suas palavras fazem arder os corações dos discípulos que O convidam a ficar com eles. Este deve ser também o caminho da Igreja em diálogo com as culturas, uma Igreja próxima, que seja capaz de entrar na “noite escura” do outro e caminhar juntos... Refletindo a realidade da Igreja à luz do episódio de Emaús, diz o Papa Francisco:

O mistério difícil das pessoas que abandonam a Igreja; de pessoas que, após deixar-se iludir por outras propostas, consideram que a Igreja – a sua Jerusalém – nada mais possa lhes oferecer de significativo e importante. E assim seguem pelo caminho sozinhas, com a sua desilusão. Talvez a Igreja lhes apareça demasiado frágil, talvez demasiado longe das suas necessidades, talvez demasiado pobre para dar resposta às suas inquietações, talvez demasiado fria para com elas, talvez demasiado autorreferencial, talvez prisioneira da própria linguagem rígida, talvez lhes pareça que o mundo fez da Igreja uma relíquia do passado, insuficiente para as novas questões; talvez a Igreja tenha respostas para a infância do homem, mas não para a sua idade adulta [...]. Perante esta situação, o que fazer? Faz falta uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido (FRANCISCO, 2013, sem paginação).

Seguindo essa orientação de Francisco, podemos afirmar que uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, da comunhão e da participação. É uma Igreja que não governa somente por decretos, mas que procura “caminhar juntos” na busca resolver os seus conflitos de forma dialógica como faziam os primeiros cristãos (cf. At 15,1-35). Pois, a sinodalidade da Igreja indica “o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja, o Povo de Deus, que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros na sua missão evangelizadora” (DPS, 2021, p. 10).

3 UMA EVANGELIZAÇÃO DESDE O POVO

No seu caminho de evangelização e no contato com outras culturas, a Igreja ensina e aprende, evangeliza e é evangelizada. Por isso, mais do que pensar um projeto de evangelização *para* o povo, seria talvez mais correto pensar numa evangelização *desde* o povo. Uma evangelização a partir da “periferia”, não do centro, que acolhe o outro como dom, pois Deus quer infundir o seu Espírito “sobre toda carne” (Jl 3, 1; At 2,17).

Uma Igreja sinodal reconhece e valoriza o “faro” da fé presente em todos os fiéis, que pela unção recebida do Santo Espírito, possuem a ciência de Deus e não necessita que alguém os ensine (1Jo 2,20.27). Como nos recorda o Papa Francisco (EG, n. 31), “o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas de evangelização”.

Levar a sério o *sensu da fé* presente no povo fiel de Deus pode nos ajudar também a encontrar luzes para um projeto de evangelização em diálogo com as mais diversas culturas, ou seja, a pensar a relação entre o povo de Deus e os povos com as suas histórias e culturas próprias. O Papa Francisco (EG, n. 236) usa a imagem do *poliedro* para figurar tanto o povo de Deus como cada povo e a relação recíproca universal entre os povos. Essa imagem, segundo Scannone, “implica uma unidade mais alta que as diferenças, mas que as assume e as respeita em sua irredutível diferenciação. O seu modelo é a Trindade como comunhão” (SCANOONE, 2019, p. 96).

A Teologia do Povo na Argentina que é uma das raízes teológicas do Papa Francisco⁷, buscou desenvolver uma reflexão teológica *inculturada*: relacionando “o povo de Deus nos povos do mundo”⁸ e valorizando a espiritualidade popular e o seu potencial evangelizador e libertador junto aos pobres e às suas culturas. Sendo devedor dessa teologia, o Papa Francisco “reconhece [...] as expressões da piedade popular como *lugar teológico*” (EG, n. 126) para uma teologia *inculturada* e a serviço da inculturação da fé, em razão da ‘importância da evangelização compreendida como inculturação’ (EG, n. 122)” (SCANNONE, 2019, p. 66).

Essa categoria Povo⁹ é fundamental para falarmos da Igreja sinodal e a interculturação da fé. Pois, além de ser essencialmente bíblica (Povo de Israel) e eclesiológica (Igreja Povo de Deus), é também cultural e histórica, porque “não há povo sem uma história em comum, um estilo de vida comum (cultura) e um projeto comum (‘agir e caminhar juntos’). Isso não exclui que haja diferentes interpretações dessa história, diversas subculturas em unidade plural

7 Segundo Scannone, a Teologia do Povo “constitui uma das raízes teológicas da pastoral e do estilo de governo do Papa Francisco” (SCANNONE, 2019, p. 46).

8 *El pueblo de Dios en los pueblos del mundo. Catolicidad, encarnación e intercambio en la eclesiología actual*, este foi o título da tese doutoral de Carlos Galli, sob a orientação de Lucio Gera que é um dos representantes mais eminentes da teologia do povo da Argentina. Segundo Scannone, “essa tese propõe uma compreensão sistemática da catolicidade, da encarnação e do intercâmbio entre o povo de Deus e os povos do mundo” (SCANNONE, 2019, p. 38).

9 Juan Carlos Scannone (2019, p. 2012-222) cita as quatro prioridades “bergoglianas” na construção e na condução do povo: a) A superioridade do todo sobre as partes; b) A superioridade da realidade sobre a ideia; c) A superioridade da unidade sobre o conflito; d) A superioridade do tempo sobre o espaço... (Lumen fidei 55-57; EG 215-237).

e propostas distintas de bem comum” (SCANNONE, 2019, p. 258). Neste sentido, “a evangelização reconhece com alegria estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG, n. 117).

CONCLUSÃO

A cultura é a terra boa donde nasce, cresce e frutifica a boa semente da fé. Não existe uma fé “pura”, separada da cultura. É preciso reconhecer que todo processo de evangelização autêntico leva em conta a cultura dos seus interlocutores. Talvez, por isso, desde muito cedo a comunidade cristã sentiu-se desafiada a “traduzir” a Boa Notícia do Reino na linguagem de outros povos e culturas¹⁰.

O Papa Francisco tem insistido, desde o início do seu pontificado, na importância da cultura do encontro¹¹ que seja capaz de buscar a unidade, a comunhão, sem cair na tentação da uniformidade que nega a diferença e elimina o outro. Hoje precisamos pensar as diversas culturas dentro de uma própria cultura, como por exemplo, a cultura urbana, a cultura digital, a cultura das grandes periferias das nossas cidades. Como ressalta os bispos do Brasil:

Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a *cultura urbana*, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências - humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso, que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana, torna-se um imperativo para a ação evangelizadora em nossos dias” (DGAE, 2019-2023, n.28).

Pensar a fé interculturalmente é aceitar o desafio de comunicar a Evangelho do Reino como Boa Notícia a todos os povos e culturas. Isso exige da Igreja uma experiência kenótica capaz de acolher o diferente como dom e reconhecer que o outro também tem algo a ensinar. Sem esvaziamento de si mesmo, das nossas ideias e prepotências não há cultura do encontro, não há caminho para o diálogo e a paz.

o diálogo nasce de uma atitude de respeito pela outra pessoa, de um convencimento de que o outro tem algo de bom a dizer; implica abrir um lugar em nosso coração para seu ponto de vista, sua opinião e sua proposta. Dialogar implica uma acolhida cordial e não uma condenação prévia. Para dialogar é preciso saber baixar as defesas, abrir as

10 Basta ver o esforço de Paulo e da comunidade joanina em traduzir em linguagem grega a experiência cristã da fé.

11 Destaca-se que a sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2014), o Papa Francisco trouxe à luz o tema: “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”.

portas de casa e oferecer calor humano (BERGOGLIO; SKORKA, 2013, p. 12).

Esse caminho do diálogo e da acolhida do “estrangeiro” em nossa casa, não é estranho à fé cristã. Pois foi o percurso escolhido pelo próprio Deus no mistério da sua Revelação. Um Deus que habita nas alturas, mas que se abaixa para estar junto ao humilde (Is 57,15). Um Deus que muitas vezes se cala para fazer ouvir outras vozes, que se esvazia de si mesmo para dá lugar ao outro. Um Deus exposto que ama, serve e perdoa até o fim (Jo 13,1).

Encarnar-se na história e nas relações humanas concretas continua sendo, portanto, o grande desafio para que a Igreja seja de fato sinodal. Como afirma João Décio: “Sem encarnação na vida humana concreta, não há Igreja de Jesus Cristo. Sem comunidade concreta, não há sinodalidade e, sem sinodalidade, não há comunidade” (PASSOS, 2023, p. 124). Neste sentido, sinodalidade e interculturação da fé, parecem ser dois lados de uma mesma moeda, dois temas intimamente vinculados que exigem um caminho de conversão pastoral e estrutural de toda a Igreja.

Seguindo o conselho do profeta Isaías, somos interpelados a “alargar o espaço da nossa tenda” (Is 54,2), adotando “a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério” (FT, n. 285). Pois, se em Cristo somos todos irmãos e irmãs (Mt 23,8), a proximidade e a amizade social (Lc 10, 25-37) devem ser sempre a nossa única bandeira.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA *Tradução Oficial da CNBB*. Brasília: CNBB, 2018.
- BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e a terra*. São Paulo: Paralela, 2013.
- CODINA, Victor. “Não extingais o Espírito” (1 Ts 5,19): *iniciação à Pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2018.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Documento Preparatório Sínodo 2023.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- CZERNY, M. Uma Igreja que “caminha junto”: sinodalidade na era do Papa Francisco. In. *Perspectiva Teológica*, v. 54, Belo Horizonte: 2022. pp. 67-88.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 2001.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. São Paulo: Paulus, 2001.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017-50-aniversario-sinodo.html. Acesso em: 15/05/2023.

FRANCISCO. Mensagem para 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014. Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro. 24 de janeiro de 2014^a. In: PAULO VI, Papa et al. *Mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Brasília: CNBB, 2017, p. 235-239.

FRANCISCO. *Saudação do Papa Francisco na abertura da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos "Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participam e missão"*, 04 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/20231004-abertura-sinodo.html>. Acesso em: 17/10/2023.

JOÃO PAULO II. Mensagem do Santo Padre João Paulo II ao presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, Cardeal Paul Poupard. Vaticano, 13 de maio de 2002. Disponível: [Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura por ocasião do 20º aniversário do Dicastério \(14 de maio de 2002\) | João Paulo II](#) Acesso: 28/09/2024.

PASSOS, Décio João. *Obstáculos à sinodalidade: entre a preservação e a renovação*. São Paulo: Paulinas, 2023.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.